



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

UMA ABORDAGEM TEOLOGICA FEMINISTA A CRÍTICA RELIGIOSA

Betijane Soares de Barros¹
Carla Waleska Gomes de Araújo²
Maria Iêda Guimarães³
Márcio Moésio Guedes de Mendonça⁴
Rosângela Santos da Rocha Carvalho⁵
Celsa dos Santos Albuquerque⁶
Jeovane Ferreira da Costa⁷

RESUMO

As religiões, assim como os estudos que tentam compreendê-las e explicá-las, sofreram, nas últimas décadas, de maneira significativa, os impactos do meio, seja como movimento, sejam como pensamento. As reivindicações dos devotos variam desde o acesso ao campo cristão. O desenvolvimento de um discurso teológico elaborado por distinto, em muitos aspectos, daqueles que escrevem os homens é marcado pela forte influência das ideias feministas. Revisões das interpretações existentes dos textos sagrados e a proposição de novas interpretações são uma constante entre as teólogas feministas. As doutrinas e a organização institucional têm sido alvo de muitas críticas em virtude dos novos acontecimentos teológicos feministas.

Palavras-chave: crítica, religião, feminismo, teologia.

¹ E-mail: bj-sb@hotmail.com

² E-mail: carlawaleska@hotmail.com

³ E-mail: mariaiedag847@gmail.com

⁴ E-mail: prof-mmg@live.com

⁵ E-mail: rozangelasantoscarvalho@gmail.com

⁶ E-mail: celsaalbuquerque@hotmail.com

⁷ E-mail: jeovanemcz@gmail.com

INTRODUÇÃO

Sempre houve ao longo dos tempos grande quantidade de discursos, teorias, visões acerca da mulher em relação à religião. Esta razão terá estado na base de todas as tentativas de compreensão e descrição da “natureza” feminina. No entanto o feminino é desvalorizado, e já em Platão como em Aristóteles a mulher, em relação ao homem, não só na religião mais em outros setores é vista como “um desvio, como uma relação imperfeita” (Joaquim, 1994). “Embora a mitologia da diferença entre os sexos seja muito antiga, essa permanência ao longo do tempo não explica e muito menos legitima as desigualdades atuais, ao contrário do argumento frequentemente evocado pelos defensores de uma postura passiva e fatalista perante esta questão, e que assim pretendem salientar o naturalismo e a imutabilidade das desigualdades baseadas no sexo”.

No pensamento grego, que condicionou a cultura ocidental, o homem é o criador da ordem e da lei, enquanto a mulher está associada ao desejo e à desordem, um ser inferior pela sua natureza. “É sobre estas clivagens simbólicas que se vai fundamentar a própria sociedade “, desigual, mas cuja desigualdade está baseada numa presumível diferença de naturezas, atribuindo-se à mulher qualidades negativas que a impossibilitam

de participar ativamente de forma igual, na sociedade onde vive (Foucault, 1979)”. No entanto, “A imagem da mulher tentadora do desejo dos homens, (Amâncio, 1998) vão ser profundamente alterados com o Cristianismo e o Judaísmo, religiões que representaram sempre grandes narrativas do Ocidente, e que vieram consolidar o androcentrismo fazendo-o persistir e radicalizar ao longo de toda a idade média.

Feminismo e ‘Discurso’ do Gênero na Psicologia Social, “em oposição ao domínio das crenças, dos mitos e da irracionalidade, (típicos da pré-modernidade) o Iluminismo propõe a razão, a abstração a teorização, o método científico e a ruptura com a natureza” (Amâncio, 1998), surge depois a filosofia Iluminista cujo discurso dá origem à ciência moderna. Para os filósofos Iluministas o discurso sobre os sexos, é pacífico, porque mais ou menos unânime relativamente à ideia de que as mulheres ou não têm razão ou têm uma razão inferior. Assim da “inferioridade sexual e intelectual da mulher, do seu papel natural na reprodução da espécie e no cuidado dos filhos decorre naturalmente uma definição de função e de papel(...) a mulher é essencialmente esposa e mãe”.

A cidadania das mulheres vem-lhes do fato de serem esposas de cidadãos, o que representa dizer que a cidadania feminina - reduzida à esfera privada - está excluída de

qualquer realidade política”. O discurso médico acaba por confirmar superstições mesmo perante fatos científicos contraditórios (Berriot-Salvadore, 1991), e por isso se parte da descrição do corpo feminino como uma cópia defeituosa do corpo do homem, para a crença de uma natureza frágil sujeita às desordens provenientes dos seus órgãos reprodutivos. Desde os textos medievais, passando pelo renascimento, até ao discurso na época da revolução, o discurso médico é sempre utilizado para permitir justificar a colocação da mulher na esfera familiar, conferindo-lhe um estatuto particular na sociedade.

O discurso científico legitima o lugar dado à mulher, e que é, a maternidade “Em nome de um determinismo natural, o pensamento médico confina então a feminilidade ideal na esfera estreita que a ordem social lhe destina: a mulher, sã e feliz, é a mãe de família, guardiã das virtudes e dos valores eternos” . A legitimação proveniente deste tipo de discurso científico permitiu que persistisse durante toda a modernidade “um discurso sobre os sexos que, nas suas vertentes dualista, biologizante da condição das mulheres, e essencialista, pouco difere do discurso religioso da pré-modernidade”. Se desde a Antiguidade é expressa a desigualdade, e se os mitos que a sustentam vão ser integrados na ciência moderna, a

partir do século XVII e XVIII, Feminismo e ‘Discurso’ do Género na Psicologia Social estes vão-se recolocar nas ciências sociais e humanas que nascem no século XIX. Por isso, esta questão é central na psicologia e especificamente na psicologia social. No entanto é necessário ter presente as diferentes vagas do feminismo para melhor se poder compreender a sua influência a nível científico, religioso e cultural.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura tradicional, não sistemática, descritiva, de natureza qualitativa e bibliográfica, já que a análise se realizou em diversas fontes de pesquisas como conteúdo de livros, artigos científicos, sites e bibliográficas virtuais.

1. CRÍTICA RELIGIOSA

Tendo em vista certas ideologias e atitudes ofensivas a diferentes crenças e religiões. Em fatos extremos esse tipo de crítica acaba se tornando uma perseguição. Definindo-se muitas vezes como um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana, a perseguição religiosa é de extrema gravidade e costuma ser caracterizada pela ofensa, discriminação e até mesmo atos que atentam à vida de um determinado grupo que tem em comum certas crenças. As liberdades de expressão e de culto são asseguradas pela Declaração

Universal dos Direitos Humanos e pela Constituição Federal. A religião e a crença de um ser humano não devem constituir barreiras a fraternais e melhores relações humanas. Todos devem ser respeitados e tratados de maneira igual perante a lei, independente da orientação religiosa (LO BIANCO, 2007).

O Brasil é um país de Estado Laico, isso significa que não há uma religião oficial brasileira e que o Estado se mantém neutro e imparcial às diferentes religiões. Desta forma, há uma separação entre Estado e Igreja; o que, teoricamente, assegura uma governabilidade imune à influência de dogmas religiosos. Além de separar governo de religião, a Constituição Federal também garante o tratamento igualitário a todos os seres humanos, quaisquer que sejam suas crenças. Dessa maneira, a liberdade religiosa está protegida e não deve, de forma alguma, ser desrespeitada (Martins e Duarte, 2010).

1.1. O CARÁTER DO SEXO E A CATEGORIA FEMININA

“Tão logo a mulher se tornou propriedade do homem, o desfruto furtivo de uma rapariga foi considerado roubo, viu-se nascer os termos pudor, moderação, decência; virtudes e vícios imaginários; em uma palavra, quiseram erigir entre os dois sexos barreiras que os impedissem de se

convidar reciprocamente à violação das leis que lhes foram impostas, e que produziram amiúde efeito contrário, aquecendo a imaginação e irritando os desejos” (Diderot, D., Suplemento à viagem de Bougainville. In: Ribeiro, V. C., 2003).

No século XVIII, a condição da mulher na sociedade européia ainda se encontrava sob forte depreciação a ponto de anular qualquer qualidade específica a sua sexualidade. A ideia de fruição sexual do corpo feminino não era aceita. Com o florescimento do Iluminismo, inicia-se na Europa um período de crítica aos valores e ritos religiosos e aos modos conservador e controlador morais do Estado aristocrata. Convém lembrarmos que, ao sabor das revoluções intelectuais e médicas, há a ascensão de uma cultura erótica libertina nas cidades, acompanhada de críticas aos padrões da moda e estéticos, que irá se refletir nas artes.

Diderot foi um dos intelectuais que mais tematizou e questionou sobre o papel da mulher nesta época. O filósofo se expressou sobre a natureza do gênero feminino de modo a demonstrar respeito e admiração. Sua principal preocupação estava em não deixar dúvidas de que existe na mulher uma individualidade de desejos e prazeres. Conforme salienta Ribeiro (2003), Diderot fez uma “análise da subjetividade da mulher na sociedade, como ser de

desejo sexual, e estudou as várias formas de controle sexual; pensamentos que são ousados e extravagantes para o século XVIII”.

A mulher, nesta época, é um objeto que precisa dissimular sempre as suas ações e desejo diante de uma sociedade repressora. Considerar a mulher como ser de desejo sexual, significava não mais tê-la como um ser passivo, cuja única função é a maternidade (RIBEIRO, 2003),

Refletindo sobre o sofrido papel da mulher – e de outros indivíduos – no Ocidente, (ROMANO, 1987, p. 125), no ensaio “A mulher e a desrazão ocidental”, lamentava a ‘monstruosidade’ criadas pelos discursos calculados em valores masculinizados: “(...) refiro-me aos indivíduos denominados Aussenseiter por Hans Mayer: o judeu, a mulher, o homossexual. Os três elementos que foram estigmatizados pela marca da monstruosidade, perseguidos pelas inquisições, e também pela política totalitária. As maneiras do seu holocausto variam. Mas o ímpeto de abafar, de forma racional, sine ira et studio, sua existência ameaçadora, se origina já nas primeiras representações masculinizantes do Ocidente, potenciando-se com a unidade entre o logos gregos e a catequese cristã”.

Tempos atrás, Diderot, em “Sobre as Mulheres” (2000), lastima deste modo:

“Mulheres, como eu vos lastimo! Não havia senão uma compensação para vossos males; e eu fosse legislador, talvez a tivésseis obtido. Libertas de toda servidão, vós seríeis sagradas em qualquer lugar em que tivésseis aparecidos”.

O sexo entende Diderot, é força motriz da vida de qualquer ser humano, o que independe de gênero. A contenção dessa força motriz perturba o equilíbrio psíquico, seja ele fraco ou forte. No caso da mulher, as respostas para a sua situação de submissão estavam profundamente ligadas às suas considerações de que o mundo psíquico da mulher é mais vulnerável que do homem, sendo solícita às afrontas contra ela na história. No artigo “Sur les fermmes” (DIDEROT,1772), a mulher é encarada “como um ser desafortunadamente nascido, isto é, como um ser cuja organização é mais frágil e mais cheia de privações do que o homem” (PIVA, 2003).

Tal como se explicava na época, um dos comportamentos típicos do gênero feminino era a sua fragilidade frente ao masculino devido à histeria. Diderot se utilizou dessa explicação médica para entender a natureza específica deste gênero. Segundo o filósofo, a causa material da histeria na mulher estava em seu útero, e uma vez que, quando não satisfeita de

desejo (de casar, de ter filhos etc.), tornava-se histérica (PIVA, 2003).

Assim, para a argumentação materialista de Diderot, a condição peculiar da mulher, tanto em povos civilizados como em primitivos, é ter uma organização biológica determinada pelo problema da histeria. Em virtude disso, as paixões femininas seriam mais vigorosas a ponto de tornarem mais vingativas e hediondas e enlouquecerem com maior facilidade que os homens (PIVA, 2003).

Na concepção diderotiana a natureza do gênero masculino “é em si e para si, enquanto a mulher é apenas um outro. Logo, trata-se de um ser imperfeito, definido sobretudo por uma de suas partes (...) o útero é a causa de todas as doenças”. Da ‘imperfeição’ do gênero feminino nasce as imperfeições nas convenções sociais. A repressão sexual da mulher é de tal modo contra a sua natureza humana e saúde. (ROMANO, 1987),

CONCLUSÃO

É importante salientar que a crítica religiosa não é igual à intolerância religiosa. Os direitos de criticar dogmas e encaminhamentos de uma religião são assegurados pelas liberdades de opinião e expressão. Todavia, isso deve ser feito de forma que não haja desrespeito e ódio aos grupos religiosos a que é direcionada a

crítica. Como há muita influência religiosa na vida político-social brasileira, as críticas às religiões são comuns. Essas críticas são essenciais ao exercício de debate democrático e devem ser respeitadas em seus devidos termos.

É com estas considerações acima que vemos em momento de grande inspiração literária entregando-se a uma árdua descrição crítica da moralidade dos conventos de sua época. Veremos nesta obra como o filósofo arquiteta suas reflexões filosóficas sobre a moral sexual dentro de uma comovente história.

Este artigo buscou realizar um primeiro movimento em resposta à tomada de consciência de se ter chegado a um momento crítico, em que nos é apresentada uma “exigência”: fomentar uma crítica à construção de uma geopolítica da produção acadêmica no campo da religião cujo eixo fundante se traduz por uma clivagem cultural. Tomar esta clivagem como o motor da nossa reflexão sobre a formação de uma verdadeira geopolítica acadêmica é reconhecer que a clivagem cultural possui uma transversalidade aos diferentes campos de poder e saber.

A crítica se constitui em um movimento cultural de descentralização. Nesse sentido, o que procuramos demonstrar é que embora muitas tenham acontecido e se mudado o ser predominante

dentro da religião, como em tantos outros continua sendo o sexo masculino, apenas vivemos um mito.

REFERÊNCIAS

Amâncio, L. (1998). **Sexismo e racismo- dois exemplos de exclusão do outro.** In H. G. Araújo, P. M. Santos & P. C. Seixas (Coord.). *Nós e os Outros: a exclusão em Portugal e na Europa.* Porto: SPAE.

Berriot-Salvadore, E. (1991). **O discurso da medicina e da ciência.** In G. Duby & M. Perrot (Eds.), *História das Mulheres.* Vol (3) . Porto: Edições Afrontamento.

Foucault, M. (1979). *The History of sexuality.* London: Allen Lane.

Joaquim, T. (1994). **Menina e Moça. Dissertação de Doutorado não publicada.** Lisboa: ISCTE.

DIDEROT, D. 1962, *A Religiosa.* In: *Obras Romanescas.* VOL.I. Tradução de Antonio Bulhões e Miécio Tati. Introdução e notas de Henry Bénac. São Paulo, Difusão Européia do Livro.

_____, 2000, *Sobre as mulheres.* In: *Obras I.* Tradução, organização e notas de J. Guinsburg. São Paulo, Perspectiva.

_____, 1772, *Sur les femmes.* In: _____, 1772, *Sur les femmes.* In:http://www.larevuedesressources.org/article.php3?id_article=634

_____, 2006, *Jacques, O Fatalista e seu Amo.* In: *Obras III.* Tradução, organização e notas de J. Guinsburg. São Paulo, Perspectiva.

_____, 2006, *O Sobrinho de Rameau.* In: *Obras IV.* Tradução, organização e notas de J. Guinsburg. São Paulo, Perspectiva.

GUINSBURG, J., 1966, *A Filosofia de Denis Diderot.* São Paulo: Cultrix.

LO BIANCO, A. C. (2007) **O que a comparação entre a tradição religiosa e os novos movimentos religiosos nos ensina sobre o sujeito hoje?** *Estudos de Psicologia,* v.12, n.2. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em 13/12/2009.

MARTINS, Carlos B.; DUARTE, Luis F. D. (eds.). (2010), *Horizontes das Ciências Sociais – Antropologia.* São Paulo: ANPOCS/Editora Bacarolla.

PIVA, Paulo Jonas de Lima, 2003, *O ateu virtuoso: materialismo e moral em*

Diderot. Prefácio de Eliane Robert Moraes, São Paulo: Discurso: Fapesp.

RIBEIRO, V. B. 2003, *A intimidade feminina do séc. XVIII em Diderot. CienteFico. Ano III, v. I, Salvador, Janeiro-Junho.*

ROMANO, R., 1987, *Lux in Tenebris: meditações sobre filosofia e cultura.* Campinas: Editora da Unicamp.

_____, 2003, *Moral e Ciência: A monstruosidade no século XVIII.* São Paulo: Editora Senac de São Paulo. Série Livre Pensar, vol. 15.

Para escrever este esboço, foi valiosa as obras dos seguintes comentadores: PIVA, P. (2003); GUINBURG, J. (1966); ROMANO, R. (1987; 2003).

Diderot denota em *Sur le Femmes* (1772, p. 255): **“La femme porte au dedans d’elle-même un organe susceptible de spasmes terribles, disposant d’elle, et suscitant dans le délire hystérique qu’elle revient sur le passé, qu’elle s’élançe dans l’avenir, que tous les temps lui sont présents. C’est de l’organe propre à son sexe que partent toutes ses idées extraordinaire”.**